

“ESTADO ISLÂMICO”: PERCURSO E ALCANCE UM ANO DEPOIS DA AUTO-PROCLAMAÇÃO DO “CALIFADO”

Luís Tomé

ltome@autonoma.pt

Professor Associado da Universidade Autónoma de Lisboa–Departamento de Relações Internacionais (Portugal). Professor Visitante no Instituto da Defesa Nacional, no Instituto de Estudos Superiores Militares, na Middle East Technical University em Ankara-Turquia e na Sapienza–Università di Roma, Itália. Coordenador Científico do OBSERVARE – Observatório de Relações Exteriores, onde coordena também a Linha de investigação “Estudos de Segurança, da Paz e da Guerra”. O seu mais recente trabalho é a edição do livro *“Islamic State” – the new global jihadist phenomenon* (Media XXI, no prelo), obra colectiva com oito ensaios e autores de Portugal, Itália e Turquia.

Resumo

Em 29 de Junho de 2014, o ISIS/ISIL ou Daesh anunciou a alteração da sua designação para somente “Estado Islâmico” (IS), proclamou-se “Califado” e nomeou o seu líder Abu Bakr al-Baghdadi como “Califa Ibrahim”. Cerca de um ano depois, este artigo pretende avaliar o percurso e o alcance desta entidade jihadista territorial. Começaremos por contextualizar aquela auto-proclamação em termos de ideologia e objectivos para, depois, descrevermos como o IS se tem procurado consolidar enquanto “Estado” *de facto* e os efeitos trágicos da sua política de terror. A última parte é essencialmente dedicada à expansão internacional do IS, analisando o alcance na atracção de “combatentes estrangeiros”, os novos *wilayats* criados fora da Síria e do Iraque, os grupos locais entretanto afiliados ou as actividades do IS no ciberespaço.

Palavras chave:

Estado Islâmico, ISIS, Terrorismo, Jihadismo, Segurança Internacional

Como citar este artigo

Tomé, Luís (2015). “«Estado Islâmico» percurso e alcance um ano depois da auto-proclamação do «Califado»”. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 6, N.º 1, Maio-Outubro 2015. Consultado [online] em data da última consulta, observare.ual.pt/janus.net/pt_vol6_n1_art8

Artigo recebido em 5 de Maio de 2015 e aceite para publicação em 28 de Maio de 2015



"ESTADO ISLÂMICO": PERCURSO E ALCANCE UM ANO DEPOIS DA AUTO-PROCLAMAÇÃO DO "CALIFADO"

Luís Tomé

Introdução

A origem do auto-proclamado "Estado Islâmico" remonta a grupos jihadistas existentes desde os anos 1990, designadamente o *Bayat al Imam* e o *Jama'at al-Tawid wa-al-Jihad*, ambos liderados pelo jordano Abu Musab al-Zarqawi¹ que, na sequência da invasão do Iraque, em 2003, passou a visar tanto a "expulsão dos invasores estrangeiros" como a instigar uma guerra civil sectária, atacando as comunidades Xiita e Curda que passavam a ter predomínio no Iraque pós-Saddam Hussein. Pela mesma altura e com motivações idênticas, Abu Bakr al-Baghdadi², nascido em 1971, em Samarra, no chamado "triângulo sunita" a norte de Bagdade, ajudou a estabelecer um outro grupo, o *Jamaat Jaysh Ahl al-Sunnah wal Jamaa*. Já em 2004, ao mesmo tempo que Abu Bakr al-Baghdadi era capturado em Falluja pelos militares americanos e detido em Camp Bucca (entre Fevereiro e Dezembro de 2004) onde privou com muitos outros jihadistas, al-Zarqawi manifestou fidelidade ao "Emir" Osama Bin Laden e o seu grupo filiou-se na al-Qaeda (AQ), adoptando a designação de *Tanzim Al-Qaeda wal Jihad fi Balad al-Rafidain* ou, sumariamente, "al-Qaeda no Iraque" (AQI).

Em Junho de 2006, al-Zarqawi foi morto pelos americanos e a AQI passou a ser liderada por Ayyub al-Masri, antigo membro da *Zawahiri's Islamic Jihad Group* no Egipto. Paralelamente, em Outubro desse ano, algumas facções jihadistas agregadas no *Mujahideen Shura Council* criaram o "Estado Islâmico no Iraque" (ISI), onde Abu Bakr al-Baghdadi ficou encarregue da supervisão geral do comité da *sharia* enquanto a liderança do grupo foi entregue a outro al-Baghdadi, Abu Umar. O ISI foi concebido como um grupo independente e não como uma filial da AQ, que nem sequer foi consultada neste processo (Bunzel, 2015: 20), mantendo o ISI a conduta de ataques sectários a fim de concretizar o objectivo de um Estado Islâmico "puro". Em 2010, após a morte de al-Masri e de Umar al-Baghdadi por bombardeamentos americanos, Abu Bakr al-Baghdadi assume a liderança de um bastante fragilizado ISI (Fishman, 2011) e, tal como o seu predecessor, o título de "Commander of the Faithful", reclamando ser descendente da tribo Quaraysh do Profeta Maomé, qualificativo indispensável para um putativo "califa".

¹ Ou Ahmad Fadeel al Nazal Al Khalayeh.

² Ou Ibrahim Awwad Ibrahim Ali al-Badri ou Ibrahim al-Badri al-Qurashi al-Sammarai.



A partir de 2011, uma nova conjugação de factores iria favorecer a proeminência do ISI e de Abu Bakr al-Baghdadi:

- i) a retirada americana do Iraque, deixando um país frágil e entregue ao governo do Primeiro-Ministro Nouri al-Maliki (Maio 2006-Setembro 2014) que prosseguiu uma agenda pró-xiita alienando a minoria sunita, contexto que permitiu ao ISI reforçar-se entre as tribos sunitas, ex-insurgentes e também antigos elementos do Partido Baas e das estruturas militares e de segurança iraquianas que procuram recuperar o poder que tiveram durante a era de Saddam;
- ii) a morte de Bin Laden, em Maio de 2011, significando não só a eliminação da principal referência do movimento jihadista mas também a fragilização da AQ, levando a uma maior autonomia dos seus núcleos afiliados e ao recrudescimento de grupos locais e regionais independentes (Tomé, 2012);
- iii) a "Primavera Árabe" no Norte de África e Médio Oriente, desencadeando uma enorme turbulência e conflitualidade na maioria desses países (Argélia, Tunísia, Líbia, Egipto, Líbano, Síria, Iémen) acompanhadas da ressurgência de rivalidades sectárias e da expansão das correntes extremistas;
- iv) e, em particular, a guerra civil na Síria, a partir de Março de 2011, resultado da contestação ao regime do Presidente Bashar al-Assad e envolvendo múltiplas facções (das milícias xiitas aos democratas, moderados e jihadistas) e centenas de grupos (chegaram a ser referenciados mais de 1000), num palco caótico que rapidamente se tornou o maior "íman" de jihadistas de todo o mundo e de complexos "jogos de poder" (do Irão e da Rússia aos Países Árabes, Turquia, UE ou EUA...).

Neste quadro, no Iraque, o ISI

«has reconstituted [itself] as a professional military force capable of planning, training, resourcing, and executing synchronized and complex attacks in Iraq» (Lewis, 2013: 7),

anunciando no início de 2012 o seu "regresso imparável" e lançando ataques crescentemente poderosos e mediáticos: por exemplo, entre os Verões de 2012 e 2013, a violenta campanha "Breaking the Walls" com camiões-bomba e visando também várias prisões donde conseguiram escapar centenas de jihadistas³. Entretanto, na vizinha Síria, o ISI e a AQ instigaram a criação da "Frente al-Nusra" (*Jabhat Al-Nusra / JN*), liderada pelo sírio Abu Mohammad al-Golani (ou al-Julani), antigo operacional no Iraque e enviado pelo próprio Bakr al-Baghdadi para criar uma "frente" naquele território. Sendo o ISI de novo uma força credível e considerando as condições propícias, Abu Bakr al-Baghdadi resolveu então expandir o ISI para a Síria e, em Abril

³ Das oito prisões atacadas pelo ISI entre Julho de 2012 e Julho de 2013, o caso mais mediático foi o da prisão Abu Ghraib, em Julho de 2013, donde mais de 500 prisioneiros conseguiram escapar, incluindo muitos jihadistas.



de 2013, proclamou a instauração do "Estado Islâmico no Iraque e no Levante" ou no "ash-Sham" (*Dawlah al-Islamiyah fil Iraq wa ash-Sham*) e a correspondente fusão da JN no novo ISIL/ISIS/Daesh. Al-Golani recusou esta manobra e também Ayman al-Zawahiri, sucessor de Bin Laden na liderança da al-Qaeda, instruiu Bakr al-Baghdadi a dissolver o ISIS e limitar as suas actividades ao Iraque. Contudo, o líder do ISIS reafirmou que o seu grupo permaneceria também no *al-sham* (al-Baghdadi, 2013). Depois de meses de disputas teológicas e operacionais, em 2 de Fevereiro de 2014, a AQ anunciou oficialmente dissociar-se do ISIS a que se referiu como "grupo" (Bunzel, 2015: 29), acabando o ISIS por entrar em conflito fratricida também com a filial da AQ na Síria (ver Cafarella, 2014).

Mais do que combater o regime de Assad, o ISIS concentrou então os seus esforços em ocupar e administrar territórios e localidades nas áreas sunitas sírias (Raqqa, Idlib, Deir ez-Zor ou Aleppo), desencadeando paralelamente uma campanha similar no Iraque: depois de capturar Fallujah e Ramadi, em Janeiro de 2014, o ISIS expandiu-se rapidamente e foi conquistando outros bastiões como al-Qaim, Tikit e, no início de Junho, a estratégica cidade de Mossul. Em 29 de Junho de 2014, o ISIL/ISIS/Daesh anunciou a alteração da sua designação para somente "Estado Islâmico" (IS), proclamou-se "Califado" e nomeou o seu líder Abu Bakr al-Baghdadi como "Califa Ibrahim". Evoluía, assim, de organização terrorista jihadista e insurgente para entidade territorial politicamente organizada na Síria e no Iraque.

Cerca de um ano depois, este artigo pretende avaliar o percurso e o alcance do auto-proclamado "Califado Estado Islâmico". Muito mais do que um mero balanço quantitativo, cruzamos informação, descrição e análise, apoiando-nos em dados tanto quanto possível actualizados e recorrendo essencialmente a fontes abertas. Para maior objectividade mas também um melhor esclarecimento dos propósitos do IS, citamos várias mensagens do próprio IS: apesar de tudo,

«If one wants to get to know the program of the [Islamic] State, its politics, and its legal opinions, one ought to consult its leaders, its statements, its public addresses, its own sources» (Abu Muhammad al-Adnani, porta-voz do IS, 21 de Maio de 2012, cit. in Bunzel, 2015: 4).

Começaremos por contextualizar a auto-proclamação do "Califado" em termos de ideologia e objectivos do IS. A seguir, descrevemos como o IS se tem procurado consolidar enquanto "Estado" *de facto*, incluindo as suas formas de "governança", administração territorial e financiamento, bem como as fontes do seu arsenal militar, o crescente número de militantes e de "combatentes estrangeiros" e os efeitos trágicos da sua persistente política de terror. Depois de fazermos referência breve aos esforços internacionais de contenção e combate ao IS, a última parte é essencialmente dedicada à expansão internacional do IS, desde os novos *wilayats* do IS fora da Síria e do Iraque aos grupos locais entretanto afiliados ao IS, referindo ainda os seus atentados e as actividades no ciberespaço, acabando assim por retratar a envergadura actual desta ameaça terrorista e jihadista cerca de um ano após a sua auto-proclamação enquanto "Califado".



Proclamação do "Califado" – ideologia e objectivos

Tal como a al-Qaeda (AQ), o ISIS/DAESH/IS baseia-se na ideologia Salafista-jihadista (*al-salafiyya al-jihadiyya*), ramo puritano do Islão Sunita Wahabita que pretende o regresso da Comunidade Islâmica (*Umma*) às práticas ancestrais "puras", fazendo uma separação nítida entre os "verdadeiros crentes" e os "descrentes" considerados "apóstatas" ou "infiéis". Recusando a diversidade teológica, os Salafistas-jihadistas também se baseiam na *doutrina Takfir* que sanciona a violência contra outros muçulmanos acusados de apostasia e descrença ou infidelidade (*kafir*)⁴ (Hafez, 2010; Bunzel, 2014). Assumindo-se como os defensores do Islão original que o Profeta Maomé e seus companheiros pregaram, e considerando que esse Islão está sob ataque dos "infiéis", os Salafi-jihadistas proclamam que o recurso à violência ou "guerra santa" (*jiḥād*) é a única forma de combater os inimigos e defender o verdadeiro Islão. O objectivo último do também chamado "jihadismo" é, então, a criação de uma Comunidade Islâmica "pura", na forma de "Emirato" ou mesmo "Califado", segundo a sua exclusiva interpretação da tradição do Profeta Maomé (*sunna*) e da lei islâmica (*sharia*), devendo os "crentes" participar na *jiḥād* enquanto os "apóstatas" e "infiéis" têm de ser simplesmente exterminados (Brachman, 2009; Duarte, 2012; Rabbani, 2014; Bunzel, 2015). Como afirma de forma esclarecedora um prelado jihadista na altura residente no Reino Unido:

«Nós não fazemos distinção entre civis e não civis, inocentes e não inocentes. Apenas entre muçulmanos e infiéis. E a vida de um descrente não tem qualquer valor. Não tem santidade... Assumimos que o objectivo é matar o maior número de pessoas, para provocar o terror... O texto divino é claro quanto à necessidade de provocar "o máximo dano possível". O operacional tem portanto de certificar-se de que mata o maior número de pessoas que pode matar. Se não o fizer, espera-o o fogo do inferno (...) Os Seculares dizem que o "Islão é a religião do Amor". É verdade. Mas o Islão também é a religião da Guerra. Da paz, mas também do terrorismo. Maomé disse: "Eu sou o profeta da misericórdia". Mas também disse: "Eu sou o profeta do massacre". A palavra terrorismo não é nova entre os muçulmanos. Maomé disse mais: "Eu sou o profeta que ri quando mata o seu inimigo". Não é portanto apenas uma questão de matar. É rir quando se está a matar» (Omar Bakri Mohammed, 2004: 28-31).

Todavia, no plano ideológico, o IS adopta uma concepção ainda mais exclusiva do que a AQ e outros grupos jihadistas sendo, portanto, menos tolerante para com os considerados "ramos islâmicos desviantes", em particular o Xiismo:

⁴ A grande maioria dos dirigentes, organizações e autoridades religiosas do Islão rejeitam esta concepção de *takfir*, considerando-a um desvio doutrinário (*bid'at*) ou uma heresia. Alguns Éditos (*Fatwa*) recentes também condenam e repudiam a "doutrina Takfir".



«Following takfiri doctrine, the Islamic State is committed to purifying the world by killing vast numbers of people... Muslim "apostates" are the most common victims» (Wood, 2015).

Em Fevereiro de 2004, numa carta à liderança da AQ, Abu Musab al-Zarqawi atacava duramente o Xiismo quer política quer ideologicamente, a partir do Iraque, considerando os Xiitas

«the proximate, dangerous enemy of the Sunnis...The danger from the Shi'a...is greater and their damage worse and more destructive to the [Islamic] nation than the Americans... targeting and hitting [the Shi'a] in [their] religious, political, and military depth will provoke them to show the Sunnis their rabies and bare the teeth of the hidden rancor working in their breasts. If we succeed in dragging them into the arena of sectarian war, it will become possible to awaken the inattentive Sunnis as they feel imminent danger and annihilating death at the hands of these Sabeans [i.e., Shi'a].» (al-Zarqawi, 2004).

Esta visão tornar-se-ia num dos pilares da ideologia do IS e daí que, desde os seus antecedentes no Iraque, o IS prossiga uma estratégia que visa instigar e instrumentalizar uma "guerra santa" sectária dentro do Islão, fundamentalmente, dos Sunitas contra os Xiitas. Na realidade, ainda antes da criação do Estado Islâmico do Iraque (ISI), já as ambições e a estratégia da al-Qaeda no Iraque ultrapassavam as da estrutura central, atacando directamente muçulmanos xiitas e curdos com tal nível de violência que a AQ central advertiu a sua filial iraquiana contra os riscos de perder apoio popular naquele país e também da comunidade islâmica global⁵.

Por outro lado, organicamente, o IS reclama, sempre reclamou, não ser apenas uma organização jihadista (*tanzim*) mas sim, literalmente, aquilo que a sua designação implica: um verdadeiro "Estado" (*dawla*). Em 2006, um documento do recém-criado "Estado Islâmico no Iraque" (ISI) alegava que

«This state of Islam has arisen anew to strike down its roots in the region, as was the religion's past one of strength and glory» (cit. in Bunzel, 2014: 2). Como refere Graeme Wood (2015), «Bin Laden viewed his terrorism as a prologue to a caliphate he did not expect to see in his lifetime. His organization was flexible, operating as a geographically diffuse network of autonomous cells. The Islamic State, by contrast, requires territory to remain legitimate, and a top-down structure to rule it».

⁵ Carta de Ayman al-Zawahiri, então número dois da al-Qaeda, a Abu Musab al-Zarqawi, líder da AQI, datada de 9 de Julho de 2005 e obtida durante as operações contraterroristas no Iraque. Esta carta foi disponibilizada pelo United States Office of the Director of National Intelligence em Outubro de 2005, confirmando a sua autenticidade (ver US-ODNI, 2005).



E um "Estado" com ambições expansionistas: em 8 Abril de 2013, o renomeado ISIL ou ISIS reclamava o estabelecimento de um "Estado Islâmico no Iraque e no Levante" ou "ash-Sham", região que inclui a Síria mas também a Jordânia, Israel, Palestina e Líbano e, num sentido mais amplo, até territórios do Egipto, da Turquia e do Chipre. Esta proclamação surgiu dois dias depois do líder da AQ, Ayman al-Zawahiri, ter apelado à unificação da jihad na Síria, mas entre a *Jabhat Al-Nusra* (JN) e outros grupos jihadistas e não por via da expansão do ISI para a Síria e menos ainda pela fusão da JN no novo ISIS. Apesar do líder da JN, al-Golani, ter recusado esta manobra e declarado abertamente obediência ao "Emir" al-Zawahiri, e do próprio líder da AQ ter instruído Bakr al-Baghdadi para dissolver o ISIS e limitar as actividades do seu grupo ao Iraque, deixando a Síria para a JN, o ISIS reafirmou a nova designação e forçou a sua expansão para a Síria.

Mais: desde a sua origem, o ISI visava a eventual restauração do "Califado", mítica forma monárquico-teocrática de governo que representa a unidade e a liderança do "mundo islâmico", num ambicionado império global governado segundo a Lei Islâmica ou *Sharia* e dirigido por um único líder, o Califa, sucessor do Profeta Maomé. Por isso, várias referências e mapas do ISI, do ISIS e, claro, do IS sugerem uma ambição que passa por dominar todos os territórios dos antigos califados históricos, da Península Ibérica (Al-Andaluz) ao Sudeste Asiático. Ou seja, a auto-proclamação enquanto "Califado" corporiza a *«fundamentally political rather than religious project – even though the IS insists the two are inseparable»* (Rabbani, 2014: 2).

Essa auto-proclamação surgiu em 29 de Junho de 2014, num documento intitulado *"This is the Promise of Allah"* produzido em vários idiomas e divulgado na internet, onde o ISIL/ISIS/Daesh anuncia a restauração do "Califado", que passa a designar-se apenas "Estado Islâmico" (IS) e nomeia o seu líder Abu Bakr al-Baghdadi como "Califa", doravante referenciando "Califa Ibrahim":

«Here the flag of the Islamic State, the flag of tawhīd (monotheism), rises and flutters. Its shade covers land from Aleppo to Diyala.... The kuffār (infidels) are disgraced. Ahlus-Sunnah (the Sunnis) are masters and are esteemed. The people of bid'ah (heresy) are humiliated. The hudūd (Sharia penalties) are implemented – the hudūd of Allah – all of them. The frontlines are defended.... It is a dream that lives in the depths of every Muslim believer. It is a hope that flutters in the heart of every mujāhid muwahhid (monotheist). It is the khilāfah (caliphate). It is the khilāfah – the abandoned obligation of the era (...)

Therefore, the shūrā (consultation) council of the Islamic State studied this matter after the Islamic State – by Allah's grace – gained the essentials necessary for khilāfah, which the Muslims are sinful for if they do not try to establish. In light of the fact that the Islamic State has no sharī (legal) constraint or excuse that can justify delaying or neglecting the establishment of the khilāfah such that it would not be sinful, the Islamic State – represented by ahlu-halli-wal-'aqd (its people of authority), consisting of its senior



figures, leaders, and the shūrā council – resolved to announce the establishment of the Islamic khilāfah, the appointment of a khalīfah for the Muslims, and the pledge of allegiance to the shaykh (sheikh), the mujāhid, the scholar who practices what he preaches, the worshipper, the leader, the warrior, the reviver, descendent from the family of the Prophet, the slave of Allah, Ibrāhīm Ibn 'Awwād Ibn Ibrāhīm Ibn 'Alī Ibn Muhammad al-Badrī al-Hāshimī al-Husaynī al-Qurashī by lineage, as-Sāmurrāī by birth and upbringing, al-Baghdādī by residence and scholarship. And he has accepted the bay'ah (pledge of allegiance). Thus, he is the imam and khalīfah for the Muslims everywhere. Accordingly, the "Iraq and Shām" in the name of the Islamic State is henceforth removed from all official deliberations and communications, and the official name is the Islamic State from the date of this declaration» (IS, 2014).

Ao proclamar-se "Califado", o IS reivindica que *todos os muçulmanos* - indivíduos, Estados e organizações – devem prestar obediência e fidelidade (*bay'ah*) ao "Califa Ibrahim":

*«We clarify to the Muslims that with this declaration of khilāfah, it is incumbent upon all Muslims to pledge allegiance to the khalīfah Ibrāhīm and support him (may Allah preserve him). The legality of all emirates, groups, states, and organizations, becomes null by the expansion of the khilāfah's authority» (ibid.). Bay'at é uma espécie de comprometimento de obediência dado a um líder de um grupo islâmico; para um jihadista, é como se esse compromisso fosse com o próprio Profeta Maomé, não podendo ser desfeito sob pena de apostasia (*takfir*). Logo a seguir àquele anúncio, em 1 de Julho de 2014, no seu sermão na Grande Mesquita de Mossul, o próprio "Califa Ibrahim" declarava que «I have been appointed to rule over you... And obey me so long as I obey God touching you. If I disobey Him, no obedience is owed me from you» (al-Baghdadi, 2014).*

Inevitavelmente, a alegada obrigatoriedade de *todos os muçulmanos* prestarem lealdade ao "Califa Ibrahim" e a correspondente nulidade de todos os outros Estados e organizações perante a autoridade global do IS é repudiada pela totalidade dos Estados islâmicos e inúmeras autoridades religiosas islâmicas, entre as quais os Grão-Muftis da Arábia Saudita e do Egipto, respectivamente, Abdulaziz Al al-Sheikh e Shawqi Allam ou a União Internacional dos Sábios Muçulmanos. Embora por razões distintas, essa rejeição é expressa também por diversas organizações jihadistas: ainda antes do anúncio do "Califado", já a *al-Qaeda* central (AQ-C ou AQSL), presumivelmente a partir do Paquistão, e também a *Islamic Front* e a *Jabhat al-Nusra*, ambos na Síria, tinham rejeitado publicamente o ISIS; depois da auto-proclamação do "Califado" IS, a AQ-C voltou oficialmente a repudiar *bay'at* ao "Califa Ibrahim" e a promover o seu próprio



proto-Califa, Mullah Muhammad 'Umar, líder Talibã do "Emirato Islâmico do Afeganistão" desde 1996; entretanto, outros sete grupos jihadistas repudiaram a autoridade do IS - *Caucasus Emirate* da Rússia, *General Military Council for Iraqi Revolutionaries* do Iraque, *Katibat al-Imam Bukhari* da Síria, *Al-Qaeda Islamic Maghreb* (AQIM) da Argélia, *Moro Islamic Liberation Front* (MILF) das Filipinas, *Harakat Ansar Iran* (HAI) do Irão e *Al-Qaeda in the Arabian Peninsula* do Iémen -, permanecendo até agora neutral ao IS os Talibã no Afeganistão (IntelCenter, 2015; Azamy e Weir, 2015).

Para os apoiantes do IS, contudo, a ideia de um outro "califa" a desafiar a autoridade de Bakr al-Baghdadi é, naturalmente, refutada, e pelo menos seis grupos jihadistas pró-IS contestaram publicamente tal manobra da AQ (Bunzel, 2015: 34). Sobretudo, para o IS, a reivindicação da sua supremacia é não só inerente à autoridade do seu "califado universal" como uma importante manobra ideológica e estratégica: instrumentalizando um aspecto mítico e atraindo jihadistas, explorando desilusões e ressentimentos e dividindo comunidades muçulmanas na região e no mundo, inflamando ainda mais tensões e provocando violência sectária contra muçulmanos "apóstatas".

Estado de facto e terror

O ISIS/IS demonstrou ter capacidade para se impor a forças governamentais e a grupos opositores (Lister, 2014: 2). À medida que se foi expandindo, procurou passar a imagem de uma eficaz organização administrante nas áreas onde faltava, ou era frágil, a "autoridade de Estado". No final de Junho de 2014, o renomeado *Estado Islâmico* controlava uma vasta área, de Aleppo, na Síria à província de Diyala, no Iraque, e uma população de quase 6 milhões de pessoas. Prosseguindo na linha que vinha de trás, a sua estratégia passou então por consolidar atributos inerentes à condição de "Estado" - designadamente, domínio territorial (sobretudo, de localidades, rotas e infra-estruturas) e administração política, económica e da justiça.

Administrativamente, o IS opera em diferentes *wilayats* ou províncias, cada um com a sua estrutura operacional. Embora alguns *wilayats* do IS tenham sido, entretanto, proclamados em territórios de outros países, como veremos adiante, a maioria continua a situar-se naturalmente no Iraque e na Síria: em meados de 2015, são vinte os *wilayats* do IS, doze dos quais no Iraque (Anbar, Bagdad, Diyala, Euphrates /Furat – cobrindo este territórios tanto no Iraque como na Síria -, Fallujah, Kirkuk, Jnoub, Ninewa, Salah al-Din, Shamal Bagdad, al-Jazeera e Tigris/ Diglah) e oito na Síria (al-Barakha/Hasakah, Damascus, Euphrates/Furat, Halab/Aleppo, Homs, al-Khair/ Dayr az Zawr, Raqqa e Hamah).

Logo a seguir ao "Califa" Abu Bakr al Baghdadi, suprema autoridade política, religiosa e militar, os territórios do IS na Síria e no Iraque estão sob a autoridade de dois respectivos "governadores", envolvidos na estratégia militar e na governação daquelas áreas em articulação com os conselhos locais (IEP-GTI Report 2014: 52). A estrutura política do IS inclui quatro "conselhos" principais - *sharia*, *shura*, militar e segurança -, replicados na cadeia de comando até ao nível local pelos diversos *wilayats* na Síria e no Iraque. Na sua simples mas eficaz organização burocrática, o IS estipulou comités religiosos, uma polícia religiosa, comités educativos, tribunais da *sharia* e gabinetes de recrutamento, de relações públicas ou para os assuntos tribais, bem como "conselheiros" e "coordenadores" para as finanças, a propaganda, a recepção dos



"combatentes estrangeiros", as casas de refúgio, assuntos de mulheres e órfãos ou prisioneiros, impondo a sua forma de "governança" (Caris e Reynolds, 2014). Paralelamente, o IS expandiu pelos seus domínios outros requisitos que o assemelham a um Estado *de facto*: aparelho de segurança e militar, gestão de serviços médicos e da "educação islâmica", cobrança de taxas e impostos, emissão de documentos de identificação, impressão de moeda própria, controlo de serviços e recursos (correio, transportes, telefones, internet, recolha do lixo, abastecimento de água, electricidade, combustível e energia) e, a partir daqui, regulação da economia e da sociedade.

O número total de membros, militantes e combatentes do IS é impreciso e difícil de calcular, variando bastante em função da fonte e também consoante referirem apenas militantes no Iraque e na Síria ou incluírem igualmente indivíduos e grupos a operar noutros países e regiões. Por outro lado, além de voluntários e jihadistas sírios, iraquianos e estrangeiros, o IS é conhecido por forçar indivíduos de outros grupos rebeldes vencidos ou circunscritos nas áreas que domina a combaterem em seu nome – pelo que, mesmo restringindo ao território controlado pelo IS na Síria e no Iraque, é complexo distinguir entre os seus efectivos militantes e aqueles que exercem certas funções porque são obrigados a tal ou por temerem represálias.

Ainda assim, parece inequívoco que o número de membros e de combatentes do IS vem aumentando continuamente ao longo dos últimos anos; cresceu subitamente desde a proclamação do "Califado"; e é hoje bastante superior a outros grupos jihadistas, incluindo a al-Qaeda. Quando os EUA retiraram do Iraque, em 2011, o ISI contava com escassas centenas de membros; no início de 2015, o IS teria entre 17.000 e 31.500 combatentes - bastante acima, portanto, dos 1000 a 3000 que teria a AQ central no seu auge no final dos anos 1990 (Gerges, 2015). Em Junho de 2014, calculava-se entre 5.000 e 10.000 o número de militantes do ISIS na Síria e no Iraque; no mês seguinte, esses números aumentaram pela adesão ao IS de 1.000 a 2.000 militantes de outros grupos jihadistas na Síria e no Iraque (como o *Jaish al-Sahabah in the Levant* e o *Faction of Katibat al-Imam Bukhari* na Síria ou *Ansar al-Islam* no Iraque); em Setembro, a CIA estimava entre 20.000 e 31.500 os combatentes do IS na Síria e no Iraque; no final de 2014, o Observatório Sírio dos Direitos Humanos estimava em mais de 80.000 (50.000 na Síria e 30.000 no Iraque) os militantes do IS, enquanto o gabinete do Presidente Curdo, Massoud Barzani, elevava para 200.000 o número total de membros do IS, entre combatentes e pessoal de apoio, forças policiais, milícias locais, guardas fronteiriços, pessoal paramilitar associado aos diversos grupos de seguranças e recrutas. Cruzando fontes diversas, o número actual estimado de combatentes do IS varia entre 35.000 e 100.000, enquanto a AQ e os seus afiliados terá entre 5.000 a 20.000 membros.

Para financiamento das suas actividades, o IS conta com os milhões de euros e dólares encontrados e roubados nos bancos e administrações das localidades que conquistou e com os proveitos da venda de petróleo a partir da dúzia de poços e refinarias que controla (durante algum tempo, negociado inclusivamente com a Turquia, os Curdos e alguns grupos que combatia). Segundo o *Global Terrorism Index Report 2014* (IEP, 2014: 52), o IS

«controls a dozen oil fields and refineries in Iraq and Syria generating revenues of between one to three million U.S. dollars



per day... As well as oil, it is believed that ISIL has access to 40 per cent of Iraq's wheat growing land», situação que leva K. Johnson (2014) a afirmar que «the Islamic State is the Newest Petrostate».

Outras importantes fontes de financiamento do IS são os "donativos" individuais, tribais e de organizações jihadistas, a cobrança de "impostos" e "taxas religiosas" às populações que controla, roubo e extorsão, raptos e pagamento de resgates e tráficos de armas, de droga, de artefactos históricos e de órgãos humanos. Nesta vasta panóplia de fontes de financiamento, calcula-se o rendimento do IS em cerca de 3 a 5 milhões de USD por dia, em 2014, sendo o total dos recursos financeiros do IS estimado entre 1.3 e 2 mil milhões USD (Barret, 2014: 45). Ou seja, o IS passou a ser «the richest terrorist group in the world» (Lister, 2014: 2), descrito pelo antigo Secretário da Defesa dos EUA Chuck Hagel como

«sophisticated and well-funded as any group that we have seen. They're beyond just a terrorist group... they are tremendously well funded» (cit. in Keatinge, 2014).

Quanto ao poderoso armamento de que dispõe,

«the Islamic State, like many irregular forces before it, has opened spigots from varied and far-ranging sources of supply, in this case on a grand scale»,

incluindo armas e munições capturadas às forças iraquianas e sírias, armamentos e equipamentos comprados, trocados ou capturados a outros grupos opositores a Bashar al-Assad na Síria e também armas anteriormente utilizadas nas guerras da Líbia, Sudão e Balcãs e outras produzidas pelos EUA, Rússia, China, Irão e Europa (Occidental e do Leste). Por outro lado, além de armas ligeiras, metralhadoras, explosivos ou granadas, o arsenal do IS inclui armamento de guerra invulgar na posse de grupos terroristas, desde carros de combate e veículos blindados a *howitzers*, drones ou mísseis guiados anti-tanque (*Conflict Armament Research*, cit. in Chivers, 2015).

A tentativa do IS se afirmar e consolidar enquanto "Estado" tem sido implementada pela violência e com enorme brutalidade por militantes armados que operam, simultaneamente, como grupo terrorista, exército, polícia, guerrilha, milícia e *gang* criminoso. Segundo o *Global Terrorism Index Report 2014* do IEP, no ano da expansão do ISI para a Síria, em 2013, o número de ataques terroristas no mundo subiu 61% comparativamente ao ano anterior, provocando quase 18.000 mortos, com a Síria e o Iraque entre os países com mais vítimas do terrorismo e sendo 66% do total mundial das mortes da responsabilidade de apenas quatro grupos, entre os quais o ISIS (os outros são a al-Qaeda, os Talibã e o Boko Haram). Só no Iraque, em 2013, contabilizam-se 6362 mortos provocados por ataques terroristas (representando um



aumento de 162% comparativamente a 2012), dos quais 77% são da responsabilidade do ISIS (IEP-GTI Report 2014: 52).

Em linha com os seus precedentes, o IS prossegue práticas de extermínio não só contra cristãos e judeus mas, sobretudo, contra comunidades muçulmanas, designadamente Xiitas, Curdos, Alauitas e Yazidis, naquilo que a Amnistia Internacional descreve como "limpeza étnica" e a ONU como "crimes contra a Humanidade". Daí que a expansão do IS tenha contribuído significativamente para a barbárie e a tragédia humanitária no Iraque e na Síria, respectivamente, primeiro e segundo no ranking dos países mais perigosos em termos de actividade terrorista, segundo o *Country Threat Index* da IntelCenter. Só no ano de 2014, o IS terá morto 2317 pessoas; e também de acordo com a *Most Deadly Terrorist/Rebel Groups* da IntelCenter, somando a esse número os mortos provocados por outros grupos que entretanto se associaram ao IS até meados de 2015, o número total da "rede IS", em 2014, ultrapassa os 5000 mortos. Por isso, esta mesma fonte demonstra no seu *Group Threat Index* – onde examina o volume de alertas terroristas, tráfego de mensagens, vídeos, fotos, ataques e vítimas de várias dezenas de organizações terroristas -, que o IS passou a ser o grupo terrorista mais perigoso e letal do mundo (IntelCenter, 2015).

Na realidade, o IS não reconhece qualquer outra interpretação islâmica e jurisdição que não as suas, impondo a sua versão brutal da *sharia* contra todos os que considera "apóstatas" e "infiéis" e implementando uma política de terror que inclui execuções sumárias e em massa, amputações, violações, imolações, decapitações ou crucificações. A barbárie do IS é repudiada abertamente pela generalidade das autoridades religiosas islâmicas, pela totalidade dos países islâmicos e também pela Organização da Cooperação Islâmica (que junta 57 países Islâmicos), por exemplo, afirmando o Secretário-Geral da OIC, Iyad Ammen Madani,

«We need to condemn, particularly and in the strongest terms, the heinous and barbaric crime committed by the so-called IS terrorist group» (Madani, 2015).

O terror perpetrado pelo IS levou inclusivamente o Vaticano, que tradicionalmente se opõe ao uso da força, a emitir uma posição inédita, em meados de Março de 2015, considerando que se não for possível alcançar uma decisão política e sem violência, «*o uso da força será necessário*» contra o IS a fim de «*parar este genocídio*» e proteger os cristãos e outros grupos religiosos⁶.

Para o IS, todavia, o "terror" é não só inerente à sua *jihad* contra todos os "apóstatas" e "infiéis" mas também um vector essencial da sua estratégia de expansão, pelo efeito "desmobilizador" que procura obter (e tem) juntos das populações e das forças opositoras, designadamente, entre os contingentes governamentais sírios e iraquianos.

⁶ Declarações do Embaixador do Vaticano nas Nações Unidas em Genebra, Arcebispo Silvano Tomasi, numa entrevista ao site católico norte-americano "Crux" (ver Allen, 2015). Esta posição surgiu no mesmo dia em que a Santa Sé, a Rússia e o Líbano apresentaram no Conselho dos Direitos do Homem da ONU um documento intitulado "Supporting the Human Rights of Christians and Other Communities, particularly in the Middle East", apoiado por 70 países signatários, esperando incentivar os Estados do mundo inteiro a fornecer ajuda humanitária a cristãos e outros grupos perseguidos pelo IS.



O alarme provocado pela extensão do "Califado" IS e as respectivas implicações sociais, económicas, humanitárias e políticas (ver, p.ex., Adams, 2014) levou a uma alteração súbita do xadrez geopolítico na região e motivou uma muito eclética "frente anti-IS" a partir do Verão de 2014, incluindo a criação de uma ampla coligação internacional liderada pelos EUA e actualmente com cerca de 64 participantes⁷ e a articulação de posições até então impensável entre, países Ocidentais, países árabes (com destaque para a Arábia Saudita, o Egipto, o Qatar e a Jordânia), o Irão, a Turquia, o governo iraquiano, os Pershmerga curdos, diversos grupos insurgentes a operar na Síria ou ainda o próprio regime sírio de Bashar al-Assad.... Segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos, no início de Junho de 2015, o IS controla menos 25% de território no Iraque do que quando a "Coligação internacional" iniciou a sua campanha nove meses antes⁸. Entretanto, na sequência da solicitação do Governo de Bagdade, a NATO decidiu reactivar a missão de treino e assistência às forças governamentais iraquianas para um mais eficaz combate ao IS⁹. Além de um número significativo de militantes do IS, foram também mortos alguns dirigentes do IS – incluindo o alegado número dois na hierarquia, Abdul Rahman Mustafa Mohammed al-Qaduli ou Abu Alaa al-Afari e o considerado "Emir do Petróleo", Abu Sayyaf -, e o próprio "Califa" Abu Bakr al-Baghdadi terá sido gravemente ferido na sequência de bombardeamentos americanos, em Março de 2015. Cessaram, igualmente, alguns anteriores apoios estatais ao ISIS: actualmente, nenhum Governo apoia o IS, que se colocou numa posição de inimigo de todos os Estados da região e do mundo. Paralelamente, a indústria da internet e das redes sociais passou a ser mais vigilante e activa no controlo e na remoção de conteúdos de cariz terrorista e jihadista, designadamente veiculados pelo IS e seus apoiantes. Ao longo do último ano, e por diversas vezes, também a Organização da Cooperação Islâmica e inúmeras autoridades religiosas islâmicas denunciaram a ilegitimidade do pretensão "Califado" e condenaram a narrativa e os actos do IS por violarem todos os princípios do Islão.

Contudo, apesar dos esforços internacionais para o conter, combater e deslegitimar, o IS não só continua a controlar um vasto território e milhões de pessoas como lançou inclusivamente novas ofensivas em frentes-chave. No Iraque, em Maio de 2015, o IS apoderou-se de Ramadi, capital da província de Anbar, avançou para a refinaria petrolífera de Baiji, a maior do país, e atacou a cidade próxima de Khalidya, reaproximando-se de Bagdade. Na Síria, e no mesmo mês, o IS atacou Deir ez-Zor junto ao rio Eufrates, no leste do país, passou a controlar a cidade de Tadmor e as

⁷ Das mais de seis dezenas de participantes da "coligação internacional anti-IS", só uma parte participa em operações militares directas ou fornece apoio aéreo e equipamento militar: EUA, Iraque, Jordânia, Bahrein, Arábia Saudita, Egipto, Emiratos Árabes Unidos, França, Reino Unido, Alemanha, Canadá, Reino Unido, Austrália, Itália, Rep. Checa, Albânia, Holanda, Estónia, Hungria, Turquia, Bélgica, Dinamarca e Líbano. Alguns "aliados" têm fornecido apenas apoio político e "auxílio humanitário" (incluindo a Liga Árabe e a União Europeia, bem como Suécia, Kuwait, Suíça, Japão, Áustria, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Irlanda, Espanha, Eslováquia, Noruega, Luxemburgo, Qatar), enquanto de outros apenas se conhece a declaração de apoio e adesão a esta coligação, participando sobretudo ao nível da partilha de informações - Andorra, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Eslovénia, Finlândia, Geórgia, Grécia, Israel, Kosovo, Lituânia, Macedónia, Malta, Marrocos, México, Moldova, Omã, Polónia, Portugal, Roménia, Sérvia, Singapura, Taiwan, Tunísia e Ucrânia.

⁸ Afirmção de Antony Blinken, US Deputy Secretary of State, num encontro em Paris, em 2 de Junho de 2015, entre representantes de 20 países para ponto de situação no combate ao IS no Iraque (ver BBC, 2015).

⁹ A *NATO Training Mission-Iraq* (NTM-I) fora estabelecida em 2004 para auxiliar o Iraque a criar efectivas novas forças armadas depois da deposição do regime de Saddam, mas a missão fora descontinuada em 2011 por ausência de qualquer acordo que desse estatuto legal à presença dos militares da NATO a operarem no país. Em 2014, perante o avanço do IS, o Governo de Bagdade solicitou nova missão de assistência, formação e treino às forças governamentais iraquianas.



ruínas da antiga cidade romana de Palmira, "Património da Humanidade", na Síria central, e desencadeou operações ofensivas também no Norte, nas proximidades de Aleppo, perto da fronteira com a Turquia; no Oeste, nas províncias de Homs e Hama e junto à fronteira com o Líbano; e no Sudoeste, visando a cidade de Quneitra, próximo da fronteira com Israel.

A expansão internacional do IS

Por outro lado, o IS expandiu-se muito para lá da Síria e do Iraque, desenvolvendo actividades que um relatório do *Institute for the Study of War* organiza em três círculos: um "anel interior", compreendendo, além do Iraque e da Síria, a Jordânia, Israel, Palestina e Líbano; o "estrangeiro próximo", abarcando Afeganistão, Paquistão, Líbano, Arábia Saudita, Egipto, Líbia, Turquia, Tunísia, Argélia, Marrocos e região do Cáucaso; e o "estrangeiro distante", remetendo para as actividades do EI na Europa, na América do Norte, na Ásia-Pacífico e também no ciberespaço (Gambhir, 2015).

Com a auto-proclamação enquanto "Califado", o IS intensificou a campanha de recrutamento de "combatentes estrangeiros" para irem para a Síria e o Iraque defenderem um idílico *Estado Islâmico*¹⁰:

«mujahideen in Europe, Australia, and Canada...O mujahideen in Morocco and Algeria...O mujahideen in Khorasan, the Caucasus, and Iran...O mujahideen, we call you up to defend the Islamic State» (Abu Muhammad al-Adnani [al-Shami]¹¹,

porta-voz do IS, 22 de Setembro 2014). Paralelamente, a máquina de propaganda do IS - através de mensagens, fotos e vídeos canalizados pela web, as redes sociais virtuais ou a sua revista oficial em inglês *Dabiq* - glorifica os seus "mártires", publica relatórios regulares sobre os "fiéis internacionais de Alá" e destaca as aptidões combatentes dos "verdadeiros crentes vindos de terras distantes".

O fenómeno dos "combatentes estrangeiros" jihadistas é há muito conhecido em cenários como o Afeganistão, a Bósnia, o Kosovo, a Chechénia, o Iraque, o Líbano, o Líbano, o Mali ou a Líbia. Mas nunca como na Síria e, entretanto, no território controlado pelo "Estado Islâmico", se envolveram tantos "combatentes estrangeiros", levando o Conselho de Segurança das Nações Unidas a adoptar, por unanimidade, a Resolução 2178 – durante uma reunião onde se pronunciaram mais de 50 países¹² -, onde expressa

¹⁰ Ver também *Dabiq*, issue 3 – *A call to Hijrah*.

¹¹ Ou Taha Subhi Falaha, nome de nascença.

¹² Chefes de Estado ou de Governo da Nigéria, Iraque, EUA, França, Chade, Lituânia, Ruanda, Jordânia, Chile, Coreia do Sul, Reino Unido, Austrália, Luxemburgo, Turquia, Qatar, Bulgária, Quênia, Macedónia, Canadá, Holanda, Marrocos, Noruega, Trinidad e Tobago e Bélgica. Representados ao nível ministerial estiveram: China, Sérvia, Paquistão, Argélia, Senegal, Letónia, Dinamarca, Albânia, Estónia, Cazaquistão, Rússia e Nova Zelândia. Também se dirigiram representantes de Singapura, Emiratos Árabes Unidos, Índia, Espanha, Malásia, Sri Lanka e Egipto, bem como o Presidente da União Europeia e o Secretário de Estado da Santa Sé.



«particular concern that foreign terrorist fighters are being recruited by and are joining entities such as the Islamic State in Iraq and the Levant (ISIL)»

e apela a todos os Estados para cooperarem urgentemente na prevenção de fluxos internacionais de combatentes do IS e de outros grupos extremistas, bem como de e para zonas de conflito (UN Security Council, September 24, 2014). Igualmente conscientes do facto dos "jihadistas europeus" constituírem uma ameaça grave para a segurança tanto externa como interna da União Europeia, as autoridades europeias e os Governos dos 28 Estados-Membros, sobretudo reagindo aos atentados de Paris em 7 e 8 de Janeiro de 2015, reforçaram as medidas de combate ao terrorismo, prevenção das deslocações para associação a grupos terroristas ou detecção e monitorização das viagens para e desde palcos de conflitualidade jihadista¹³.

Apesar dos esforços internacionais, o número de combatentes estrangeiros afectos ao IS não parou de crescer significativamente, estimando-se actualmente em mais de 25.000 (comparativamente, o dobro dos que foram para o Afeganistão nos anos 1980) - representando cerca de 70% dos jihadistas estrangeiros na Síria e a quase totalidade no Iraque -, provenientes de quase uma centena de países. Cerca de metade dos "combatentes estrangeiros" do IS serão provenientes do Norte de África e Médio Oriente (Barret, 2014: 16), designadamente da Arábia Saudita (7.000), Tunísia (2500 a 5000), Marrocos (1500 a 3000), Jordânia (1500-2000), Turquia (1000-1500) ou Egipto (600-750) e também do Irão (50-80). Mas o IS conta igualmente com combatentes oriundos de muitos outros países de todas as regiões do globo, incluindo Rússia (1000-1500), Indonésia (520-550), Turquemenistão (360-400), Bósnia-Herzegovina (350), China (300), Cazaquistão (300), Azerbaijão (100-300), Albânia, Quirguistão, Tajiquistão e Filipinas (200 cada), Canadá (130), EUA (100-120), Austrália (80-100) ou Índia (20-25)¹⁴. Só da União Europeia terão partido, até meados de 2015, mais de 6000 jihadistas para se juntarem ao IS na Síria e no Iraque (quase triplicando os que estariam na Síria no final de 2013), oriundos de mais de vinte países, incluindo França (cerca de 1500), Reino Unido (750), Alemanha (700), Bélgica (400), Holanda (300), Dinamarca (250), Suécia (200), Espanha (60-100), Áustria (100-150), Itália (60), Finlândia (50), bem como Luxemburgueses, Gregos, Eslovacos, Checos, Irlandeses, Búlgaros, Lituanos ou Portugueses (15-20)¹⁵.

¹³ Entre as muitas propostas da UE, incluem-se: aprofundar o entendimento do fenómeno; apertar a vigilância das redes sociais e maior cooperação com a indústria da Internet a fim de remover conteúdos extremistas, criando contradiscursos eficazes; punir e penalizar a apologia do terrorismo e do extremismo violento, bem como a intenção de se juntar a grupos terroristas e de planear ou praticar crimes correlacionados; impedir deslocações para associação a grupos terroristas, detectar e monitorizar as viagens para e desde palcos de conflitualidade jihadista e travar o regresso de extremistas e de veteranos jihadistas, designadamente com reforço dos controlos nas fronteiras externas da UE e do espaço Schengen e com registo de identificação dos passageiros aéreos; intensificar o combate às múltiplas formas de financiamento do terrorismo; medidas de acompanhamento e monitorização dos regressados; o reforço dos recursos humanos e tecnológicos; a implementação de directivas anteriores e reforço do arsenal legislativo anti-terrorismo; envio de "consultores de segurança" para representações europeias em zonas sensíveis; aprofundar e aperfeiçoar a partilha e o intercâmbio de informações; reforçar a cooperação entre países e serviços europeus e a colaboração com parceiros estratégicos; etc. Ver Conselho da UE – Coordenador da Luta Antiterrorista.

¹⁴ Números estimados a partir do cruzamento de várias fontes, nomeadamente centros de investigação sobre terrorismo e conflitos e órgãos de comunicação social.

¹⁵ Sobre o perfil e o percurso dos "jihadistas portugueses", a maioria luso-descendentes emigrados noutros países europeus como França ou Inglaterra ver, p. ex., Franco e Moleiro, 2015.



Aos seus apoiantes que não podem ou não conseguem viajar para a Síria e o Iraque, o IS instrui-os a prestarem e organizarem compromissos de fidelidade (*bay'ah*) ao "Califa" Abu Bakr al-Baghdadi:

«If you cannot perform hijrah (immigrate to the Islamic State) for whatever extraordinary reason, then try in your location to organize bay'at (pledges of allegiance) to the Khalifah Ibrahim. Publicize them as much as possible. Gather people in the masjid, Islamic centers, and Islamic organizations, for example, and make public announcements of bay'ah. Try to record these bay'ah and then distribute them through all forms of media including the Internet. It is necessary that bay'ah becomes so common to the average Muslim that he considers those holding back as grossly abnormal...if you live in a police state that will arrest you over such bay'at, then use means of anonymity to convey your bay'ah to the world» (Dabiq, issue 2, July 27, 2014).

E o facto é que, além dos indivíduos que por todo o mundo expressaram fidelidade ao "Califa Ibrahim", muitos foram também os grupos que, desde a auto-proclamação enquanto "Califado", se associaram ao IS. Concretamente, estão referenciados 36 grupos jihadistas fora do Iraque e da Síria que prestaram *bay'at* ou expressaram apoio ao IS: *Mujahideen Timor* na Indonésia; *Caliphate and Jihad Movement, Jundullah, Tehrik-e-Khalifat* e dissidentes do *Tehrik-e-Taliban* no Paquistão; *Islamic Movement of Uzbekistan* no Paquistão e Uzbequistão; *Ansar al-Khalifah, Bangsmoro Islamic Freedom Fighters, Bangsmoro Justice Movement, Abu Sayaaf e Jemaah Islamiyah* nas Filipinas; *Jund al-Khalifah, al-Huda Battalion in Maghreb of Islam e Soldiers of the Caliphate* da Argélia; *Al Tawhid Battalion* no Afeganistão e Paquistão; *Khorasan Pledge, Heroes of Islam Brigade in Khorasan e Leaders of the Mujahid in Khorasan*, do Afeganistão; *Ansar al-Tahweed fi Bilad al-Hind* da Índia; *al-I'tisam of the Koran and Sunnah* no Sudão; *Uqba bin Nafi battalion e Jund al-Khilafah* na Tunísia; *Jund al-Khilafah* no Egipto; *Mujahideen Shura Council in the Environs of Jerusalem*, na Faixa de Gaza e Península do Sinai; *Jund at-Tawheed Wal Khalifah* no Bangladesh; *Ansar Bait al-Maqdis* no Egipto; *Islamic Youth Shura Council, Islamic State Libya (Darnah), Lions of Libya, Shura Council of Shabab al-Islam Darnah e IS's "Tripoli Province"* na Líbia; *Liwa Ahrar al-Sunna in Baalbek*, Líbano; *Mujahideen of Yemen e Supporters for the Islamic State in Yemen*, no Iémen; *Supporters of the Islamic State in the Land of the Two Holy Mosques* na Arábia Saudita; *Boko Haram* na Nigéria (IntelCenter, 2015).

Para além disto, o próprio Abu Bakr al-Baghdadi anunciou, em 13 de Novembro de 2014, o estabelecimento de cinco novos *wilayats* do IS fora da Síria e do Iraque, concretamente na Líbia, na Argélia, no Iémen, no Sinai (Egipto) e na Arábia Saudita, bem como a intenção de criar futuramente mais *wilayats* noutros locais. O mesmo propósito foi reafirmado na quinta edição da *Dabiq*, intitulada propagandisticamente "Remaining and Expanding", onde o IS reconhece aqueles *wilayats* com



«either the appointment or recognition of leadership by the Khalifah for those lands where multiple groups have given bay'at and merged, or the establishment of a direct line of communication between the Khalifah and the mujahid leadership of lands who have yet to contact the Islamic State and thus receive information and directives from the Khalifah» (Dabiq, issue 5).

Entretanto, o IS expandiu *wilayats* seus no Iémen (em clara competição com a Al-Qaeda na Península Arábica, e combatendo ambos quer as milícias xiitas Huthis e outros rebeldes leais ao antigo Presidente Abdullah Saleh quer as forças apoiantes do Presidente Hadi) e também na África Ocidental, aqui através da aliança que aceitou, em Março de 2015, com o *Boko Haram* que há anos controla o Nordeste da Nigéria e é também activo no Chade, no Níger e nos Camarões. Actualmente, são doze os *wilayats* do IS fora da Síria e do Iraque: *Khorasan* (Afeganistão), *al-Jazair* na Argélia, *Sinai* no Egipto, *Burgah*, *Tarabulus/Tripoli* e *al-Fizan* na Líbia, *al-Haramayn* na Arábia Saudita, *al-Yaman*, *Sanaa*, *Lahij* e *Shabwa* no Iémen e *Gharba Ifriqiyah* na Nigéria.

É certo que, entretanto, vários grupos jihadistas repudiaram publicamente o IS, como referimos anteriormente. Mas a realidade é que a expansão do IS veio alterar os equilíbrios entre os grupos jihadistas e as voláteis conexões com movimentos insurgentes em vários outros palcos de conflito para lá da Síria e do Iraque, incluindo na Líbia, no Líbano, no Iémen ou até no Afeganistão e no Paquistão:

«The relationship between the Taliban and the Islamic State is emerging as the most influential factor in the future of violent jihadi movements in the Afghanistan and Pakistan region.... If IS were to successfully recruit influential Taliban figures, they could upset the delicate yet volatile balance of jihadi movements and insurgents within Afghanistan, causing realignments of anti-state actors across the Khorasan region» (Azamy e Weir, 2015).

Ao mesmo tempo, a feroz oposição contra o IS vem reforçando o poder e o papel das "milícias Xiitas" em vários teatros de conflito (Iraque, Síria, Líbano, Líbia ou Iémen), situação descrita como "especialmente frágil" por um representante francês (BBC, 2015). No fundo, a expansão e a brutalidade do IS vem contribuindo para acirrar rivalidades históricas e a conflitualidade sectária entre Muçulmanos Sunitas e Xiitas, não apenas dentro da Síria e do Iraque mas igualmente no seio de outros Estados como o Líbano – onde o IS defronta o bem estabelecido Hezbollah de matriz xiita (Holmquist, 2015) - e entre potências regionais como a Arábia Saudita sunita e o Irão xiita, como se vê também no caso do Iémen¹⁶.

¹⁶ Na sequência da degradação da situação no Iémen e do progresso das milícias xiitas Huthis, a Arábia Saudita montou e lidera uma "coligação" fundamentalmente composta por países árabes e que, em Março de 2015, começou a intervir militarmente no Iémen em apoio do Presidente Abdrabbuh Mansour Hadi contra os rebeldes xiitas Huthis e outras forças leais ao antigo Presidente Abdullah Saleh (deposto em 2011 no decorrer dos protestos associados à "Primavera Árabe") que, por seu lado, terão o apoio do Irão. Numa situação típica de *proxy war* - em que potências regionais promovem os seus interesses rivais num



Por outro lado, o IS apela à *jihad* nos países em que os seus militantes se encontram através de ataques contra os seus inimigos e outros "infiéis". Por exemplo, numa declaração dirigida aos "soldados do Estado Islâmico", o porta-voz do IS, Abu Mohammed al-Adnani [al-Shami], fez esse apelo nos seguintes termos:

«So rise O mujahid. Rise and defend your state from your place wherever you may be...You must strike the soldiers, patrons, and troops of the tawāghīt. Strike their police, security, and intelligence members, as well as their treacherous agents. Destroy their beds. Embitter their lives for them and busy them with themselves...»

If you can kill a disbelieving...including the citizens of the countries that entered into a coalition against the Islamic State, then rely upon Allah, and kill him in any manner or way however it may be. Do not ask for anyone's advice and do not seek anyone's verdict. Kill the disbeliever whether he is civilian or military, for they have the same ruling. Both of them are disbelievers. Both of them are considered to be waging war [the civilian by belonging to a state waging war against the Muslims]...If you are not able to find an IED or a bullet, then single out the disbelieving... Smash his head with a rock, or slaughter him with a knife, or run him over with your car, or throw him down from a high place, or choke him, or poison him. Do not lack» (al-Adnani, September 22, 2014).

Dois meses depois, a revista *Dabiq* incluía expressamente referências a ataques perpetrados por apoiantes seus na Austrália, no Canadá e nos EUA, reclamando que

«All these attacks were the direct result of the Shaykh [Adnani]'s call to action, and they highlight what a deadly tinderbox is fizzing just beneath the surface of every western country, waiting to explode into violent action at any moment given the right conditions. Suddenly the muhajidin of the Islamic State weren't some esoteric concept fighting in a land nobody knew or cared about, they were on the doorstep of millions of people living in some of the biggest, most modern cities in the western world» (*Dabiq*, issue 6).

Iémen dilacerado por conflitos entre dois ramos islâmicos rivais, sunitas e xiitas, que se cruzam com lealdades tribais no apoio ao actual Presidente ou na tentativa de repor o anterior, e a que se soma ainda a relevante presença e disputa entre os jihadistas da Al Qaeda na Península Arábica e do Estado Islâmico (ambos atacando quer as forças governamentais do Presidente Hadi quer os xiitas Huthis e rebeldes pró-Saleh) - a Arábia Saudita lançou aqui a arriscada campanha "Tempestade Decisiva" com o contributo militar dos Emiratos Árabes Unidos, do Qatar, do Sudão, do Egipto e do Kuwait e contando ainda com o apoio expresso de Jordânia, Marrocos, Paquistão e Somália, além do alegado auxílio logístico dos EUA e alguns países europeus a fim de proteger a população e o Governo legítimo do Iémen e salvaguardar a legalidade internacional.



A estes apelos acresce a ameaça do IS de "exportar" fiéis seus para outras zonas e o "interior dos seus inimigos", como a Europa, aproveitando os fluxos migratórios a partir da Líbia....

Independentemente do conteúdo propagandístico deste tipo de declarações, o facto é que ao longo do último ano foram referenciados múltiplos eventos e atentados envolvendo jihadistas e "lobos solitários" afectos ao IS em dezenas de países – do Afeganistão à Alemanha, passando por Arábia Saudita, Argélia, Austrália, Bélgica, Bulgária, Canadá, China, Dinamarca, Egipto, Espanha, EUA, Filipinas, França, Holanda, Líbano, Índia, Indonésia, Irão, Itália, Japão, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Reino Unido, Rússia, Sudão, Tunísia, Turquemenistão, Turquia ou Uzbequistão... – provocando vítimas por todo o mundo e obrigando ao reforço dos alertas e dos esforços contraterroristas.

A expansão do IS é particularmente visível no ciberespaço. Evidentemente, à semelhança de todos os outros domínios e religiões, a internet abre novos horizontes para a exposição de diferentes interpretações do Islão (Giunchi, 2014). São igualmente bem conhecidas situações em que websites dirigidos, sobretudo, a comunidades muçulmanas adquirem particular importância no Ocidente, como aconteceu durante a "Primavera Árabe" ou, mais recentemente, para combater a propaganda ideológica do IS. Mas a realidade é que o IS se mostra extraordinariamente hábil e versátil no uso do ciberespaço e dos novos media, exponenciando o jihadismo na web.

Com efeito, o IS exhibe uma eficaz máquina de propaganda, terror, radicalização e recrutamento, orquestrada designadamente pela *Al Hayat Media Center* e seus vídeos e publicações (como a já referida revista oficial em inglês "*Dabiq*") mas também por milhares de "combatentes" e militantes na Síria e no Iraque, tudo veiculado na internet e através das redes sociais virtuais, designadamente YouTube, Facebook, Instagram e Twitter. Este aspecto é particularmente relevante na "atração" de jovens, incluindo ocidentais: significando que, a somar às "células plantadas", aos terroristas provenientes "de fora" e àqueles que obtiveram nacionalidade de forma oportunista ou fraudulenta, soma-se agora um número impressionante de "jihadistas express" mais ou menos auto-radicalizados e nascidos e criados no "Ocidente"; do mesmo modo que à propaganda, à radicalização e ao recrutamento nas mesquitas, nas madrassas e nas prisões se somam essas actividades na internet numa escala sem paralelo em todo o historial do movimento jihadista (Tomé, 2015: 13-14). Por isso, o responsável máximo pela Segurança Interna dos EUA, Jeh Johnson, afirma que

«we're very definitely in a new environment, because of ISIL's effective use of social media, the Internet, which has the ability to reach into the homeland and possibly inspire others.... We're very definitely in a new phase in the global terrorist threat, where the so-called lone wolf could strike at any moment» (cit. in ABC News, 2015).

Por outro lado, *hackers* afectos ao IS, como o auto-denominado "Cibercalifado", vêm intensificando ataques informáticos, visando todo o tipo de alvos, desde comandos



militares a agências governamentais ou órgãos de comunicação social: por exemplo, mais de 19.000 ciberataques atingiram websites franceses na semana seguinte aos atentados em Paris de 7 e 8 de Janeiro de 2015; no dia 12 do mesmo mês, o "cibercalifado" atacou as contas de Twitter e YouTube do Comando Central (CENTCOM) dos EUA que lidera as operações da coligação internacional anti-IS; em Fevereiro, o mesmo grupo atacou as páginas web da revista norte-americana *Newsweek*; e em 8 de Abril, de novo o "Cibercalifado" atacou as páginas na Internet, as redes sociais e as emissões do grupo de televisão francófono *TV5 Monde*, cujos onze canais não só deixaram de emitir como exibiram durante algum tempo vídeos e mensagens propagandísticas e com ameaças do IS.

Conclusões

Uma vez estabelecido, o IS intensificou a sua propaganda e os seus apelos jihadistas, encorajando os seus apoiantes a viajarem para defenderem um mítico "Califado", promovendo declarações de fidelidade e comunidades locais de apoio ao IS, e instigando ataques de todo o tipo contra os "apóstatas", os "infiéis" e os inimigos do IS. Cerca de um ano depois da auto-proclamação enquanto "Califado", e apesar dos esforços locais, regionais e internacionais para o conterem, combaterem e deslegitimarem, o IS consolidou atributos de Estado *de facto*, expandiu-se para lá da Síria e do Iraque e tornou-se numa das ameaças mais graves para a segurança internacional, passando a disputar à al-Qaeda a liderança do jihadismo global.

Ao longo do último ano, aumentou significativamente o número de militantes e também de "combatentes estrangeiros" afectos ao IS, verdadeiro "íman" nunca antes visto na história do movimento jihadista. Além de engrossarem as fileiras de uma entidade jihadista e terrorista como é o IS e do contributo para a tragédia humanitária e a barbárie, desde logo, na Síria e no Iraque, a ameaça proveniente do fenómeno dos "combatentes estrangeiros" resulta também dos riscos associados ao regresso aos seus países de origem como elementos do movimento jihadista global e depois de terem recebido doutrinação, treino operacional (desde o manuseamento de armas e explosivos ao planeamento de operações) e experiência de combate, com ligações estreitas a grupos e indivíduos terroristas. Rapidamente se percebe o perigo que tal significa. É certo nem todos os "combatentes estrangeiros" na Síria e no Iraque são jihadistas e nem todos os jihadistas são terroristas. Evidentemente, alguns dos regressados, ou que vierem a regressar, podem estar verdadeiramente arrependidos ou desiludidos e até terem um papel relevante na contra-propaganda do IS. Mas mesmo nestes casos ou de outros que regressam sem motivação para o jihadismo e o terrorismo (com a óbvia dificuldade em distinguir as diversas situações), há os riscos associados à exposição à violência, à desordem pós-traumática, à depressão ou ao desenquadramento social. Tal como há o risco, quando não de planearem e executarem atentados, pelo menos de desenvolverem actividades propagandísticas, de recrutamento ou financiamento do terrorismo, bem como de se envolverem com grupos criminosos e em actividades criminosas e violentas (Tomé, 2015: 13).

Por outro lado, o IS não só continua a controlar um imenso território e milhões de pessoas como criou novos *wilayats* para lá da Síria e do Iraque, passou a congregar dezenas de outros grupos jihadistas espalhados pelo mundo, inspirou inúmeros "lobos solitários" e multiplicou o número de atentados e de vítimas, ampliando também as



tragédias humanitárias em vários outros palcos de conflito – obrigando, portanto, quer à redefinição das estratégias de contraterrorismo, contra-radicalização e combate ao *jihadismo* quer a realinharmos em vários teatros de conflito. Embora o alcance e o poder dos grupos afiliados e dos *wilayats* do IS variem - encontrando mais resistência em países consolidados ou, então, onde o *jihadismo* é dominado pela AQ -, o seu percurso demonstra uma particular habilidade em aproveitar contextos de fragilidade estatal e de conflitualidade para se expandir, como evidenciam os casos da Nigéria, do Egipto, do Líbano, da Líbia, do Iémen, do Paquistão ou do Afeganistão. Também por isso, a ascensão do IS vem contribuindo para acirrar rivalidades históricas e a conflitualidade sectária entre Muçulmanos Sunitas e Xiitas no seio de vários países (além da Síria e do Iraque, também Argélia, Tunísia, Líbano, Egipto, Jordânia, Paquistão ou Iémen) e, colateralmente, entre potências regionais (designadamente, a Arábia Saudita sunita e o Irão xiita), bem como para reforçar o poder e o papel das opositoras milícias Xiitas e para alterar as voláteis conexões dos movimentos *jihadistas* e insurgentes em vários outros palcos de conflito (como se percebe na Líbia, no Líbano, no Iémen e até no Afeganistão).

Com a AQ, o IS vem oscilando entre a cooperação pragmática e a disputa fratricida. Mas a competição entre as duas entidades em termos de principal “marca *jihadista*” global – bem como por financiamentos, recruta de *jihadistas*, a filiação de grupos *jihadistas* ou ainda a liderança do *jihadismo* em certos locais -, tende a fomentar ou a agravar conflitos violentos e a instigar atentados de grande envergadura numa lógica de supremacia afirmativa da respectiva “omnipresença”.

Paralelamente, o IS tem mostrado uma habilidade invulgar no uso da internet e dos novos media para efeitos de propaganda, radicalização, recrutamento e terror, a que se somam entretanto sucessivos e poderosos ciberataques informáticos. Este aspecto, associado ao impressionante número de militantes, “combatentes estrangeiros”, grupos *jihadistas* e “lobos solitários” *jihadistas* que consegue atrair, torna o IS uma ameaça não apenas para as comunidades que directamente domina e vitimiza no Iraque e na Síria mas também para a segurança e a estabilidade dos países vizinhos e de muitos outros por todo o mundo.

Ou seja, o IS é actualmente uma ameaça mais grave, mais difusa e mais complexa do que há um ano atrás. Representa verdadeiramente a ameaça *jihadista* pós-Al-Qaeda, pelo que a anterior estratégia de contraterrorismo talvez não seja suficiente para a combater, como argumenta Audrey Kurth Cronin (2015).

A “vitória militar” sobre o IS pode até ser a mais simples de alcançar, apesar dos constrangimentos decorrentes do complexo xadrez regional: afinal de contas, tem uma base territorial onde pode e deve ser combatido e exhibe um nível de barbárie a que a comunidade internacional, a começar pelos países islâmicos, não pode ficar indiferente. Além disso, tem presença em Estados frágeis e instáveis que devem rapidamente ser estabilizados, tal como instrumentaliza conflitos que têm de ser urgentemente contidos sob pena de abrirem espaço à expansão do IS. Mas dada a projecção que o IS atingiu, o combate ao IS é também ideológico e agora global. A estratégia anti-IS não pode ser unívoca e requer múltiplas abordagens, múltiplos instrumentos, em múltiplas frentes e com base em múltiplos vectores. E não deve ser apenas reactiva porque o IS é, tornou-se, um dos maiores perturbadores da segurança e da estabilidade internacionais e uma ameaça também “interna” em muitas sociedades de todas as partes do mundo. Por outro lado, o combate contra o IS não pode descurar a luta contra a Al-Qaeda nem



facilitar o reforço desta e dos seus afiliados – porque a AQ não é menos perigosa do que o IS, tem provado ser astuta nas suas metamorfoses e prossegue o mesmo objectivo de criar um “Califado” seu.

Referências

ABC News. “This Week Transcript – Homeland Security Secretary Jeh Johnson”. *ABC News*, May 10, 2015. Disponível em <http://abcnews.go.com/Politics/week-transcript-sec-jeh-johnson/story?id=30909245> (acesso 12/05/2015).

Adams, P. “The implications of a victory for the Islamic State in Syria and Iraq”. *RIEAS Report*, 26 October 2014.

Al-Baghdadi, Abu Bakr Abu Bakr. *Baqia fi al-Iraq wa-l-Sham* [Remaining in Iraq and Syria], in *Jihadology.net*, published June 15, 2013. Disponível em <http://jihadology.net/2013/06/15/new-audio-visual-message-from-the-islamic-state-of-iraq-and-al-shams-abu-bakr-al-hussayni-al-baghdadi-remaining-in-iraq-and-al-sham/> (acesso 20/03/2015).

Al-Baghdadi, Abu Bakr Abu Bakr. “Sermon in Mosul Grand Mosque”, July 1, 2014.

Disponível em *Iraqi News*, July 5, 2014. Vídeo com legendas em inglês, url:

<http://www.iraqinews.com/features/urgent-video-isis-releases-abu-bakr-al-baghdadi-sermon-mosul-grand-mosque/> (acesso 29/04/2015).

Al-Adnani, Abu Muhammad [ash-Shami]. *Indeed Your Lord is Ever Watchful*, September 22, 2014. Disponível em CounterExtremism Project, url: https://ia601400.us.archive.org/34/items/mir225/English_Translation.pdf (acesso em 06/04/2015).

Al-Zarqawi, Abu Musab. “Risāla min Abī Mus. ‘ab al-Zarqāwī ilā ‘l-shaykh Usāma ibn Lādin,” 15 February 2004. Tradução in Bernard Haykel, “Al-Qa’ida and Shiism” in A. Moghadan and B. Fishman (eds), *Fault Lines in Global Jihad*. London: Routledge, 2011: 194.

Allen, J. L. Jr. “Vatican backs military force to stop ISIS ‘genocide’” [the Vatican’s top diplomat at the United Nations in Geneva, Archbishop Silvano Tomasi, interview with *Crux*]. *Crux* webpage, 13 March 2015. Disponível em <http://www.cruxnow.com/church/2015/03/13/vatican-backs-military-force-to-stop-isis-genocide/> (acesso 15/04/ 2015).

Barrett, R. *The Islamic State*. The Soufan Group, November 2014. Disponível em <http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/10/TSG-The-Islamic-State-Nov14.pdf> (acesso 29/01/2015).

BBC News. *Iraq coalition winning against IS, says US*. June 2, 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-32962870> (acesso 02/06/2015).

Brachman, J. M. *Global Jihadism: Theory and Practice*. London and New York: Routledge, 2009.

Bunzel, C. “Understanding the Islamic State (of Iraq and al-Saham)”. *NOREF Expert Analysis*, July 2014.



Bunzel, C. *From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State*, The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World. Analysis Paper, No. 19, March 2015. Disponível em <http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2015/03/ideology-of-islamic-state-bunzel/the-ideology-of-the-islamic-state.pdf> (acesso 24/05/2015).

Caffarella, J. "Jabhat Al-Nusra in Syria. An Islamic Emirate for Al-Qaeda". *Middle East Security Report* 25, ISW, December 2014.

Caris, C., Reynolds, S. *ISIS Governance in Syria*. Middle East Security Report [Online]. vol. 22, 2014. Disponível em http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISIS_Governance.pdf (acesso 28/04/2015).

Chivers, C. J. "Where the Islamic State Gets Its Weapons" in *The New York Times*, April 27, 2015. Disponível em http://www.nytimes.com/2015/04/27/magazine/where-the-islamic-state-gets-its-weapons.html?_r=0 (acesso 28/04/ 2015).

Conselho da União Europeia – Coordenador da Luta Antiterrorista webpage, disponível em <http://www.consilium.europa.eu/en/policies/fight-against-terrorism/foreign-fighters/> (acesso em 02/05/2015)

Cronin, A. K. "ISIS Is Not a Terrorist Group. Why Counterterrorism Won't Stop the Latest Jihadist Threat". *Foreign Affairs*, Vol 94, nº 2, March/April 2015.

Dabiq - the Islamic State's (ISIS, ISIL) Magazine. Edições disponíveis em *The Clarion Project*, url: <http://www.clarionproject.org/news/islamic-state-isis-isil-propaganda-magazine-dabiq> (acesso em 03/06/2015).

Duarte, F. Pathé. *O Jihadismo global : da teoria à prática. Contributos para o estudo da estratégia de subversão armada de um antimovimento secular*. Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, Agosto 2012.

Fishman, Brian, *Redefining the Islamic State: The Fall and Rise of Al-Qaeda in Iraq*. New America Foundation, July 18, 2011.

Franco, H. e Moleiro, R. *Os Jiadistas Portugueses*. Lisboa: Lua de Papel, 2015.

Gambhir, H. "ISIS Global Intelligence Summary". *ISW report*, January 7-February 18, 2015.

Gerges, F. A. "The rise of IS - and how to beat it". *BBC News*, 12 January 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-30681224> (acesso em 13/04/2015).

Giunchi, E. "La dispersione dell'autorità religiosa nell'Islam contemporaneo: dai tribunali al web" *Memorie dell'Accademia delle Scienze di Torino, Serie V*, vol. 38, fasc. 1, 2014: 3-44.

Hafez, Muhammed M. "Tacticts, *Takfir*, and anti-Muslim Violence" in A. Moghadam e B. Fishman, *Self-Inflicted Wounds: Debates and Divisions Within al-Qa'ida and its Periphery*. NY: Combatting Terrorism Center at West Point, 2010: 19-22.

Holmquist, Erika. *ISIS and Hezbollah. Conduits of Instability*. FOI report 4058, February 2015. Disponível em http://www.foi.se/Documents/foir4058_reducerad.pdf (acesso 06/03/2015).



IEP-Institute for Economics and Peace. *Global Terrorism Index Report 2014*. Disponível em <http://economicsandpeace.org/research/iep-indices-data/global-terrorism-index> (acesso 03/04/2015).

IntelCenter Database. Disponível em <http://intelcenter.com/>, apenas com assinatura (08/05/2015).

Islamic State (IS). *This is the Promise of Allah* [texto oficial com anúncio da instauração do "Califado", em vários idiomas]. Disponível em http://myreader.toile-libre.org/uploads/My_53b039f00cb03.pdf (acesso 21/03/2015).

ISW-*Institute for the Study of War*, disponível em <http://www.understandingwar.org/> (acesso 02/06/2015).

Johnson, K., "The Islamic State Is the Newest Petrostate". *The Foreign Policy*, 28 July 2014. Disponível em http://www.foreignpolicy.com/articles/2014/07/28/baghdadis_hillbillies_isis_iraq_syria_oil_terrorism_islamic_state (acesso 07/02/2015).

Keatinge, T. "Finances of jihad: How extremist groups raise money". *BBC News*, 12 December 2014. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-30393832> (acesso 14/04/2015).

Kirkpatrick, D., "ISIS Harsh Brand of Islam Is Rooted in Austere Saudi Creed". *The New York Times*, 24 September 2014. Disponível em http://www.nytimes.com/2014/09/25/world/middleeast/isis-abu-bakr-baghdadi-caliph-wahhabi.html?_r=0 (acesso 03/04/2015).

Lister, C. (2014). *Profiling the Islamic State*. Brookings Doha Center Analysis Paper, vol.13, 2014. Disponível em http://www.brookings.edu/~media/Research/Files/Reports/2014/11/profiling%20islamic%20state%20lister/en_web_lister.pdf (acesso 10/03/2015).

Lewis, J. D.. "Al-Qaeda in Iraq Resurgent. Part II". *Middle East Security Report 15*, The Institute for the Study of War, September 2013.

Madani, Iyad Ameen. *Statement of the OIC Secretary General at the Emergency Meeting of the OIC Executive Committee at the Ministerial Level on Combating International Terrorism and Violent Extremism in the Muslim World*. February 16, 2015. Organisation of Islamic Cooperation (OIC), disponível em http://www.oic-oci.org/oicv2/topic/?t_id=9781&ref=3885&lan=en (acesso 23/03/2015).

McFate, J. L, Gambhir, H. e Sterling, E. *ISIS's Global Messaging Strategy Factsheet*. ISW, December 2014.

Moghadan, A. and Fishman, B. (eds). *Fault Lines in Global Jihad*. London: Routledge, 2011.

Mohammed, Omar Bakri. Entrevista concedida a Paulo Moura in revista *Pública*, 18 de Abril 2004: 28-31.

Rabbani, M. "The un-Islamic State". *NOREF Report*, September 2014.

Tomé, L. "A morte de Bin Laden" in *Anuário Janus 2011-2012*. Lisboa, OBSERVARE-UAL, 2012: 100-101.



Tomé, L. "Prefácio" in H. Franco e R. Moleiro, *Os Jihadistas Portugueses*. Lisboa: Lua de Papel, 2015: 11-15.

UN Security Council, *Resolution 2178*, September 24, 2014. Disponível em <http://www.un.org/press/en/2014/sc11580.doc.htm> (acesso 02/01/2015).

US-ODNI - United States Office of the Director of National Intelligence. *Letter from Ayman al-Zawahiri to Abu Musab al-Zarqawi*, July 9, 2005. ODNI News Release No. 2-05, October 11, 2005. Disponível em <http://fas.org/irp/news/2005/10/dni101105.html> (acesso 14/02/2015).

Wood, Graeme. "What ISIS Really Wants". *The Atlantic*, March 2015 issue. Disponível em <http://www.theatlantic.com/features/archive/2015/02/what-isis-really-wants/384980/> (acesso 14/04/2015).